

A PROSA ENTRE EU E O MUNDO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A FENOMENOLOGIA DA COMUNICAÇÃO EM MERLEAU-PONTY

The prose between me and the world: an investigation on the phenomenology of communication in merleau-ponty

Lorena Viviane Pereira de Sousa¹

RESUMO: O presente trabalho pretende fazer uma análise de uma fenomenologia da comunicação em Merleau-Ponty, para isso, se utiliza de textos dos livros *A prosa do mundo* e *Signos*. Por esse caminho, pretende-se estabelecer uma investigação da relação entre a fala, os signos e o sentido, e percorrendo o caminho do filósofo, é possível perceber a música e a dança como forma de comunicação que expressa a manifestação do ser. Percebe-se também breves intersecções entre a pintura e as origens da concepção fenomenológica em sua relação com a dialética.

PALAVRAS-CHAVE: Signo. Sentido. Linguagem. Silêncio. Movimento.

ABSTRACT: The present work intends to make an analysis of a phenomenology of the communication in Merleau-Ponty, for that, uses of texts of the books *The prose of the world* and *Signs*. In this way, it is intended to establish an investigation of the relationship between speech, signs and sense, and going through the path of the philosopher, it is possible to perceive music and dance as a form of communication that expresses the manifestation of being. There are also brief intersections between the painting and the origins of the phenomenological conception in its relation to the dialectic.

KEYWORDS: Sign. Sense. Language. Silence. Movement.

“Invadimo-nos um ao outro na medida
em que pertencemos ao mesmo mundo cultural,
e em primeiro lugar à mesma língua”
Merleau Ponty – *A prosa do mundo*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso- TCC pretende fazer uma investigação a respeito de uma fenomenologia da prosa. Por meio dessa reflexão, gostaríamos de encontrar

¹ Graduada em Filosofia pela Cead UFPI

respostas para as motivações de nossa comunicação, ou seja, por que falamos? Nesse sentido, utilizaremos a obra inacabada de Merleau-Ponty, *A prosa do mundo* (1974)¹ como ponto de partida deste trabalho, como uma provocação para um estudo mais sistematizado de *A linguagem indireta e as vozes do silêncio*, texto presente no livro *Signos* (1991)².

Merleau-Ponty (1908-1961) deseja de início transmitir a forma de expressão, onde em grande parte, o homem não percebe como se expressou. E complementa seu objetivo quando certos acontecimentos passam despercebidos, pois nesses momentos não se contém nada que não mostre, e que nos permitem fugir do objeto almejado.

A forma de comunicação com a qual fazemos uso por meio da linguagem, quase sempre se é usada de forma sacra, somente para expor a ideia de algo ou coisa a alguém. Expressar, seria então forma de transmitir uma percepção por um sinal convencionalizado que a expõe. Porém, a língua é capaz de distinguir o que nunca foi visto.

A língua está apta a harmonizar qualquer sentido novo a partir dos elementos passados, e a expressão se exprime porque devolve todas as nossas experiências ao sistema de correspondências iniciais “entre tal sinal e tal significação³” de que adquirimos aprendendo a língua.

Admiramos secretamente esse ideal de linguagem que em última análise, nos libertaria dela mesma nos entregando as coisas. Pois pela língua podemos exprimir inúmeros pensamentos, mas com sinais finitos, pois escolhemos precisamente o que queremos dizer. A linguagem tem semelhança com o que expressa onde as palavras não alcançam.

O indivíduo falante em primeiro momento permanece mudo perante aquilo que se quer falar ou escrever, buscando sentido no que se quer repassar a outrem, e extraordinariamente o que se quer dizer flui de tal maneira onde ele mesmo deixa de pensar por si mesmo, entregando-se aquilo que quis exprimir, onde o que outrora caíra em esquecimento emerge dando significação ao pensamento inicial. Busca-se, no entanto, a frase feita (que dá início aquilo que se quer dizer) no íntimo da linguagem, onde pode-se encontrar as palavras inaudíveis que o ser “murmura”.

Hoje, como outrora, a filosofia começa pelo: que é pensar? E inicialmente absorve-se nisso. Aqui não há instrumentos nem órgãos. É um puro: parece-me que ... Aquele

¹ Escrita originalmente em 1952, mas só publicada postumamente.

² Publicada originalmente em 1960.

³ Os signos realizam juntos significações, “fazendo da leitura uma comunhão da experiência, na qual a significação surge não como constituição, que o leitor possa recompor racionalmente e apreende-la na plena clareza da consciência, mas como instituição, configuração que requer ser revivida, que não se fecha sobre si mesma nem encerra um sentido único, mas abre uma dimensão onde sentidos são festados, convidando o leitor à poesia, à (re)criação do mundo do escritor a partir de nosso próprio poder de exprimir, para além das coisas já ditas ou vistas.” (VALVERDE, 2011, 105-106).

diante de quem tudo parece não poder ser dissimulado para si mesmo, aparece a si mesmo em primeiro lugar, ele e esse aparecimento de si para si mesmo, surge do nada, nada nem ninguém o pode impedir de ser ele mesmo, nem o ajudar nisso (Merleau-Ponty, 1974, p. 13).

A linguagem universal abrange anteriormente tudo o que se pode dizer pois suas palavras e a sua sintaxe refletem os possíveis fundamento e suas articulações. Finalmente se entendo o que me falam, então é porque sei que há um anteriormente, no entanto só entendo o que já sabia.

A FILOSOFIA DA COMUNICAÇÃO

A filosofia da percepção de Merleau-Ponty representa aqui um recomeço para uma nova comunicação. Uma comunicação do Homem com a Natureza, tanto a sua natureza interior como a exterior contando com tudo o que o rodeia. Dito isso, de maneira que não há muito o que se dizer quando pensamos que tudo implícito dentro de nós, basta descobrirmos quem somos nós na terra, para não deixar eternamente de nos redescobrirmos dentro de nossa causa inicial de estar aqui. Assim é como nos comunicamos, sempre que alguém está se perguntando o que deve comunicar é justamente uma reação daquilo que se vem fazer com a vida. E é essa palavra escolhida para abrir essa comunicação: vida.

Esse trabalho se enfocará principalmente nas linguagens corporal e sonora. Somos som, a música está presente em tudo, nas nossas vibrações pensativas e nos nossos movimentos. A música e o movimento constituem o conjunto equivalente entre espaço e tempo e tudo e nada. Assim, uma primeira colocação dentro recomeço da filosofia de Merleau-Ponty é a fenomenologia como método de ir às coisas mesmas.

Metafísica e comunicação, a um primeiro momento, nos parece levar a filosofia para o mundo todo ou pelo menos para que a maioria das pessoas possa entender. Nesse sentido, filosofia servirá então para evoluirmos mentalmente, nos tornando pessoas mais racionais e equilibradas.

O recurso escrito se mostra limitado, mas ao mesmo tempo um exercício de uma manifestação do Logos múltiplo, de perceber as diversas razões e objeções a um único discurso mental.

A objeção é do mesmo gênero que os paradoxos de Zenão: como eles, mediante o exercício do movimento, ela é superada mediante o uso da palavra. E essa espécie de círculo que faz com que a língua se preceda naqueles que a aprendem, ensine-se a si mesma e sugira a própria decifração talvez seja o prodígio que define a linguagem. (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 39).

É necessária abertura no sentido de uma tolerância quanto a vontade de conhecer aquilo que não é interesse utilitarista, vontade essa que já foi chamada de curiosidade filosófica, mas hoje está além no sentido de ser acima da filosofia e da curiosidade, e uma vontade de conhecer o mundo como *holos*, como totalidade dos entes.

A percepção e os dois lados cerebrais, isso é uma tarefa extremamente difícil de desenvolver numa cultura de destros, por que não o contrário, no sentido de estimular o lado canhoto dos destros? Isso pode não ser um exemplo dos melhores, mas se houver um estudo dos pianistas por exemplo, que vantagem levam eles sobre aqueles que continuam com um lado da musculatura cerebral mais desenvolvida que a outra. Pode-se afirmar que a vantagem de um ambidestro vai além de ser um bom digitar seja de pianos ou teclados de computador, a ambidestria é então a capacidade de ter duas destrezas, ou mais, a capacidade de ter destrezas equivalentes no sentido de ser bom em tudo o que se faz. “Minhas duas mãos são "co-presentes" ou "coexistem" porque são as mãos de um único corpo” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 186)

Uma primeira proposta a ser discutida dentro da comunicação como rítmica que aqui se propõe, quando foi falado a respeito do desenvolvimento dos dois lados do cérebro é que, a música quando direcionada para isso pode ser uma ferramenta de utilidade essencial. As sonoridades que vão desde instrumentos de percussão até instrumentos harmônicos como o piano estão sujeitas a desenvolver os dois lados do cérebro. Dito isso, e indo um pouco para frente, quando um músico incita suas notas vibratórias para a natureza e por um acaso incita a resposta dela, que pode ser através de um passarinho que responde um assóvio, por exemplo, ou então de um cão que uiva ao escutar um tom que o estimula.

Será que podemos chamar isso de comunicação? Essa é uma pergunta que atormenta visto que a comunicação pode ir além de relação de signos e significantes da racionalidade, ela pode ser um processo vibracional de todo universo, pois a natureza toda é expressão de algo, fenomenologicamente falando.

A música como comunicação para a precisão de nossas palavras no rumo desse novo milênio que vivemos e que estaremos em contato com a nossa natureza mais fielmente. Já que até então ignoramos muito da nossa relação com ela. E só a partir de nossa harmonia conosco e depois com ela, a natureza, poderemos perceber o caráter até mesmo sobrenatural do humano, mais uma ousadia de nossa parte, porém real num sentido explicativo-especulativo desse caráter, não podendo ser manifestado. Dito isso não de uma maneira puramente mística, mas científica-filosófica.

Essas questões parecem excitar o cérebro rumo ao que estaremos chamando de comunicação ativa. E antes de podermos compreendê-las estaremos primeiro falando de uma comunicação passiva.

Retornando a comunicação passiva. Parece ser um problema dúbio entre aqueles seres que só escutam e que na verdade não escutam verdadeiramente, como aquela citação que fala do “entrar por um ouvido e sair pelo outro” e aqueles que falam e que ainda assim não escutam nem mesmo o que falam. Quantas vezes é necessário pararmos para tapar os ouvidos e não escutar aos outros e nesse instante escutar a si mesmo? “Não se pode recusar a escutar alguém que fala da sua vida. Há pelo menos um assunto sobre o qual os outros são juízes soberanos: sua sorte, sua felicidade e sua infelicidade.” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 361).

Isso levando a cabo a ideia de conhecer-se a si mesmo, e continuando ainda a ideia de escutar-se e depois enxergar-se. Dito esse conjunto, passa-se então a ideia de uma linguagem corporal como outra abstração complexa. Quando passaremos a entender que o corpo fala, visto que muitos já o entendem plenamente até, então aqueles que não percebem que a imagem de um corpo está na verdade no olho de quem está vendo e que esse olho é uma ferramenta bioquímica para uma finalidade racional. É a própria racionalidade, enquanto ocularidade, que considera que só o olho existe para absorver a luz, ainda que todos possa absorvê-la de outras formas, tirar dela um bom proveito, pensar com as mãos.

Nossa escrita e reconhecida, quer tracemos as letras no papel, com três dedos da mão, quer com giz na lousa, com todo o braço, porque ela não é em nosso corpo um automatismo ligado a certos músculos, destinado a realizar certos movimentos materialmente definidos, mas uma potência geral de formulação motora capaz das transposições que constituem a constância do estilo. (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 68).

O esqueleto é o corpo, é a estrutura de nossa escrita de si, da nossa história que ficará até depois que morrermos e só restar nosso fóssil. É a marca da nossa humanidade, é o instrumento e a ferramenta concedido para se viver. Ao movimentar, balançar e ritmar nossos esqueletos aí se coloca a questão, de uma dança enquanto arte que vai além, através dela o ser se manifesta na busca insaciável de ir as coisas, almejando encontrar-se em si mesmo.

Pronto isso não parece ser uma novidade, mas se a criação se deu através da música¹, a dança é a própria criação². Se há um Deus, se existe ou mesmo se existisse, Ele faria música para

¹ Tomando-se como base a descoberta das ondas (vibratórias) gravitacionais no universo causados pelo choque entre dois pequenos buracos negros, se esse pequeno incidente acarretou tais ondas, quanto mais a explosão do big bang.

² A dança é a própria criação! No momento da explosão do big bang em que as partículas atômicas se movimentaram dando início a uma dança criacionista, mística e perfeita, unindo-se gerando o átomo vida, iniciando o que hoje podemos chamar de planeta Terra.

dançarmos e se dançamos é porque há um Deus¹. A dança é o ponto em que o “Tudo e o Nada se encontram” como disse a música.

A dança é simples, qualquer um pode dançar, mesmo os em déficit físico, são capazes, porque a dança é movimento e o movimento é vida. Dar-se-á uma continuidade a esse assunto posteriormente dando-se considerada uma reflexão global sobre o tema pretendido como estudo. Diz Merleau-Ponty: “numa iminência de começo do mundo, [...] executar diante da tela como que uma dança preparatória, a florá-la várias vezes até quase tocá-la, e se abater enfim como um raio sobre o único traçado necessário” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 58).

Está-se falando do entendimento de si mesmo, como começamos e já que começamos, como sabemos que começamos. Sabemos que começamos quando passamos a entender melhor nós mesmos. A fenomenologia do nosso corpo onde cada curva diz um pouco de nossa personalidade. Podemos ser a mais pura qualidade e a superação dos defeitos. É necessário perceber o lado feminino e masculino de cada um.

Para que então nos comuniquemos, falemos a verdade um ao outro, falemos de nós e escutemos do outro. É necessário ouvir-se. Visto que se alguém pergunta por que brigamos? É pela ignorância de não saber/querer ouvir o outro, certamente, pela vontade de engrandecer-se orgulhosamente.

Responder a essas perguntas com simplicidade em excesso parece ser uma maneira superficial de abordar os problemas existenciais-ontológicos, pensar numa clareza e numa linguagem do dia a dia acessível para todos. Agora vem uma questão mal resolvida quando as pessoas com uma cultura menos erudita falam errado e a cultura erudita não aceita esse erro. Se quem fala eruditamente passe a se adaptar e falar errado e também vice-versa, o caminho do meio, isso seria uma experiência fenomenológica interessante. Para que o errado se torne certo e não prevaleça o choque de linguagens e mentalidades que levam, por consequência, ao preconceito.

Não só talvez através do exercício retilíneo da memória, mas sim do exercício de falar é que as pessoas vão aprender/saber e gostar de ler. Por que o prazer em ler é esse, o de escutar e o prazer em escrever é esse o de falar. Antes de aprender a ler é necessário escutar, e antes de aprender a escrever é necessário falar e se expressar. O autodescobrimento de si, através das diversas linguagens e da leitura dessas diversas é necessário para aprender a ler o mundo da vida, *lebenswelt*. Como iremos ler as nossas coisas ao nosso redor, nossos hábitos, vícios, necessidades em conflito com a verdadeira liberdade que é a escolha de si mesmo.

¹ Louvem o Senhor com a dança louvem o Senhor ao som das harpas e os tamborins. Salmos 149.3 Um Deus convocaria aos seus para o louvarem com algo que não o criou? Se há um Deus Ele faria música para dançarmos, e o fez.

A LINGUAGEM E AS VOZES DO SILÊNCIO

A língua é feita de diferenças, que faz com que a mesma preexista nos que a aprendem e propõe a sua própria decifração. Nesse sentido, torna-se “diacrítico” pois não podemos sistematizá-la numa única ideia. Ou seja, são críticas diferentes, porém, de certa forma dialética a partir de diferentes decifrações.

Já que aprendemos a língua, somos forçados a irmos das partes para o todo. A linguística¹ atualmente pensa na língua destacando-se na origem das palavras, os quais se tratam dos integrantes da linguagem, que por si só não tem sentido notável, e sua tarefa é tornar possível a discriminação do “signo”. Assim, signo e sentido, interior e exterior são complementares, necessários e indissociáveis.

O essencial é que os fonemas, sejam desde de início uma variação de um único aparelho de palavras, pois com ele, a criança parece ter compreendido o princípio da diferenciação mútua dos signos, e obtido ao mesmo tempo o sentido do signo. Sem conexão com o balbucio, o desenvolvimento dos fonemas se dá como uma posse de um som sobre o que se deseja, que se dirige apenas para si, como empreendimento de comunicação. Sendo assim, podemos dizer que primeiramente a criança fala, para só depois aplicar os princípios da palavra, ou seja ela, emite sons para só depois entender o real sentido delas.

A potência falante que a criança assimila a aprender sua língua não é a soma das significações morfológicas, sintáticas e lexicais: tais conhecimentos não são necessários nem suficientes para adquirir uma língua, e o ato de falar, uma vez adquirido, não pressupõe nenhuma comparação entre o que quero expressar e o arranjo nocional dos meios de expressão que emprego. (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 94)

O todo da língua falada, ao seu redor, atingiria como uma enxurrada o indivíduo em seu desenvolvimento, que buscaria por suas articulações internas e a conduziria até o momento em que esse balbucio significará algo. O signo é novamente diacrítico, pois se constitui e se organiza consigo mesmo, tendo um interior, acaba que por reclamar um sentido.

“Esse sentido nascente na borda dos signos, essa aproximação do todo nas partes encontra-se em toda a história da cultura” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 41), todos os povos conseguem de alguma forma desenvolver a sua linguagem, umas mais complexas do que outras, mas parece haver algumas estruturas comuns a todas: o sim, o não, e os verbos enquanto ação.

¹ A visão da linguagem em Merleau-Ponty parece se aproximar mais da linguística, na medida que dá uma maior relevância ao fenômeno da comunicação do que as regras gramaticais.

Sobre a linguagem, poderíamos dizer que a relação entre os signos fornece o significado dando sentido, onde os mesmos se faz entender como se estivessem presentes entre as palavras. Supõe-se então que o sentido transcende por princípio aos signos, por dados sonoros ou visuais, como uma abertura para a maturidade linguística. Sendo assim, o signo não pode induzir nenhuma opacidade entre nós e eles mesmos, sua função seria somente avisar ao ouvinte a possibilidade de levar em conta seus pensamentos. Logo, o signo só significa algo quando se evidencia aos demais como uma imagem ou palavra falante. “Merleau-Ponty estabelece uma distinção entre a fala falante, que é este corpo que vai além de si mesmo e faz a passagem do ser para o não-ser da cultura. E a fala falada que é a sedimentação” (FRANCISCO, 2015, p. 19)

Nesse sentido, a sedimentação da fala falada é a própria cultura. Para que entendamos a linguagem nesse contexto individual-social, falante e falado, não precisamos procurar fontes de sabedoria, basta que nos envolvamos com sua existência, sua dinâmica diferenciada, sua expressão e seu poder de convencimento.

Podemos ver a expressão enquanto fenomenologia comunicação presente, por exemplo, em uma dança, onde o dançarino, partir de seus movimentos passa ao público tudo o que sente, sem mencionar sequer uma só palavra, através de seus movimentos e suas expressões.

Muito além de um meio, a linguagem é para nós como alguém, por isso pode fazer alguém bem presente, como por exemplo, em um telefonema onde as palavras trazem a pessoa para perto, como se estivesse ali conversando pessoalmente. O sentido deve ser entendido como a dinâmica das palavras, por esse motivo nosso pensamento se demora tanto na linguagem. Nessa observação onde a linguagem preenche completamente nossa psique, sem deixar espaço para nada mais, além do que esteja fixado a essas emoções. A linguagem salta para além dos “signos” em direção aos nossos sentidos.

“A própria linguagem revela seus segredos e os ensina a todas as crianças que vem ao mundo.” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 41). Segundo o autor, dizer não significa escrever uma palavra para cada pensamento, pois se assim fosse não teríamos a impressão de viver na linguagem e viveríamos no silêncio, pois, o signo anularia a diante com um sentido que seria o seu.

A linguagem tem sentido quando, a invés de imitar um pensamento, deixa levar-nos por eles, fazendo com que o mesmo se reinvente. A palavra não opta por um signo para o seu significado já predefinido. Portanto, devemos levar em conta a palavra antes mesmo de ser dita, no momento onde ela é cercada pelo profundo silêncio.

Portanto, desde o surgimento do homem, o cenário das significações picturais enquanto forma de comunicação existe, pois, o homem é um ser perceptivo, podemos notar isso os

primeiros registros, do modo como viam o seu cotidiano, e o expressavam nas paredes de sua caverna, através da arte pintada.

Veremos, assim, como a pintura fala, isto é, comunica ou significa, emissora sua voz, feita de cores e traços, seja ainda “voz do silêncio”; por isso, dando um passo adiante na questão da possibilidade de comunicar o sentido de nossa experiência muda do mundo (OLIVEIRA, 2011, p. 46).

A quase-eternidade humana dada pela arte explica, muitas vezes, o uso que temos do nosso corpo os meios de entender nossa expressão cultural na proporção que somos introduzidos na história. Compreendida, a história fugiria das desavenças, que para o filósofo é o foco, uma “natureza simples”, ou pelo contrário como espaço de nossas indagações.

Venerando ou abominando tal fato, nasce a história e a dialética histórica sendo uma “potência exterior”. Deve-se escolher, e optando pela história passa-se a adorar-se o corpo e a alma ao advento futuro, muito superior a nós, rejeitar esse futuro em razão dos meios pela eficácia e ao “consentimento de si mesmo a si mesmo”.

Essa história-ídolo seculariza uma idealização primária de Deus, por esse motivo os debates voltam a confronto entre “transcendência horizontal” da história e a “transcendência vertical” de Deus¹. Mais ou menos há vinte séculos, partes do mundo opõe-se a transcendência vertical, seria talvez preocupante esquecer que o cristianismo é o reconhecimento de uma incógnita no vínculo homem e Deus, pelo fato do Deus cristão não querer um vínculo vertical de subordinação. A transcendência não sobrepõe o homem: este torna-se um animal privilegiado por portar essa possibilidade.

Segundo Hegel tudo que é real é racional, sendo assim, justificável como posse verdadeira, como refluxo e retrocesso para um novo movimento, enfim, justificado relativamente a exibição da sua história pela linguagem. Desde que ela se faça, justificando nossos erros como acertos, pois foram por uma boa causa, usados como desculpas, que deveriam servir de crescimento.

Além dessas filosofias do interior e exterior, onde tudo é correspondente e, portanto, fenomenológico. Hegel propõe, não somente a intenção ou resultado, mas quando usamos o bom senso para avaliarmos diversas situações. A história é vista como um amadurecimento do amanhã, não as dificuldades de hoje, mas é o inexplorável amanhã, em que a ordem de ação é necessária a todo custo. As intermináveis discussões contra a “transcendência horizontal” em nome da “transcendência vertical”, não são desse modo, menos injustas para com Hegel do que

¹ Essa expressão foi utilizada também em *O olho e o espírito* para relatar o cristianismo como uma espécie de transcendência histórica horizontal, na qual Deus precisa da humanidade.

para com o cristianismo, fazendo ambas imergir para a própria história onde Deus cujo sangue derramou, mas também os princípios passaram para coisas. É inapropriado trazer novamente uma falsa inocência que não é remédio para abusos da dialética. Em Hegel, a dialética como única forma de comunicação era como uma graça do acontecimento que nos livrava do mal, ou seja, leva-nos ao universal quando buscamos nossos próprios interesses.

O fenômeno da expressão se refaz e ganha novo ar por um mistério da racionalidade. Neste sentido, reencontraríamos a definição da história, em sua real significação se nos acostumássemos a formá-la a partir do exemplo das artes e da linguagem. Portanto, a relação da expressão com toda expressão, o fato de fazerem parte da mesma ordem, adquirem a união do individual com o universal. O fator primordial da dialética de Hegel, volta de várias formas, e não precisamos escolher entre o “para si e para o outro”, entre o que pensamos, e o que o outro pensa, que no momento da expressão, eu e o outro estamos unidos inconscientemente. A história é quem nos julga, levando em consideração o que dizemos e fazemos de mais verdadeiro e válido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Signo e sentido emergem assim como uma conexão entre as diferenças estabelecidas entre os signos, constatando que a linguagem é indireta, silenciosa e a expressão completa de uma grande arquitetura de signos. As palavras dobram e incorporam o movimento da fala.

No tocante ao estudo das significações e da formação do sentido da linguagem, a defesa de uma abordagem “fenomenológica” ocasionou, por vezes a objeção de que a fenomenologia ainda tem a linguagem do ponto de vista da comunicação e das práticas sociais em que está inserida. Essa objeção avança com base na hipótese de que a linguagem não é um elemento constitutivo da ação proposital que a abordagem fenomenológica procura descrever. Todavia, quando se aceita que o ato intencional é um ato proposital, ele é entendido somente no sentido conceitual e lógico, que de alguma maneira se vale de encontrar a diferença entre uma “função comunicativa” e uma “função expressiva” da linguagem, fazendo assim com que as expressões sejam expressões legítimas.

Coloquemos em questão o que a objeção vê no comprometimento fenomenológico como um método capaz de reduzir o discurso a uma dimensão puramente monológica. Cremos que o problema da linguagem é um tema que estreita uma relação com a experiência dos falantes concretos da língua atual, e por isso nos leva a proposições de uma linguística que vai além da ortografia erudita.

Certamente, se podemos comunicarmos ao dizer algo, isto acontece porque toda língua já guarda em si uma conceituação elaborada, que muitas vezes vai além da consciência fenomenológica de um falante nato. Nós, porém, não podemos esquecer que “a falta de palavra não pode ser entendida como falta de interpretação”, pois, mesmo quando nada se diz, pode-se existir uma forma particular de compreensão do ser-no-mundo. Podemos dizer então que é certo afirmar que a totalidade significativa da compreensão vem da palavra. Das significações surgem palavras, mas nem por isso as coisas dotadas de significados.

O conceito que delinea a finalidade da fenomenologia da comunicação em Merleau-Ponty, é enfim o sentido. Segundo o filósofo, na linguagem a interação dos signos é que cria sentidos, que em seus contrastes, têm cada um, um modo significante na medida em que o sentido nasce no intervalo entre as palavras. As palavras isoladas nada falam, por isso não há nem sentido puro nem signo puro. Merleau-Ponty argumenta que essa percepção fenomenológica da linguagem necessita uma espécie de tabula rasa, um esvaziamento de nosso conhecimento linguístico como se nunca houvésemos falado para a sua compreensão. Considerando o fundo do silêncio da linguagem para compreender a sua origem e ser capaz de criar significações.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. SALMOS 149.3 **Louve o Senhor com danças**. São Paulo: Mundo Cristão. 2010.

FRANCISCO, Liamar. **A problemática da linguagem em merleau-ponty: a fala falada e a fala falante**. Dissertação de mestrado. Florianópolis, UFSC, 2015. 111pp.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **"Big Bang - A Teoria do Big Bang"**; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/big-bang.htm>>. Acesso em 22 de agosto de 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. Trad. Celina Luz. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1974.

_____. **Signos**. Trad. Maria Ermantina Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

OLIVEIRA, Wanderley. Linguagem indireta e as vozes do silêncio de Merleau-Ponty. In: MARQUES & FILHO (Orgs). **Paisagens da fenomenologia francesa**. Paraná: Ed. UFPR, 2011.

SOUZA & SANTOS. A linguagem do silêncio e da fala como expressões do corpo em Merleau-Ponty. **Trilhas Filosóficas** – Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó-RN, ano VIII, n. 1, p. 109 - 118, jan.-jun. 2015.

VALVERDE, Monclair. A instituição do sentido. In: MARQUES & FILHO (Orgs). **Paisagens da fenomenologia francesa**. Paraná: Ed. UFPR, 2011.